

QUEIROZ, José Francisco Ferreira - ***A "Primeira Associação de Indústria Fabril Portuguesa" e a fundição em Crestuma.*** Comunicação apresentada ao Seminário Comemorativo dos 250 anos da Real Companhia Velha (Vila Nova de Gaia, 7 e 8 de Setembro de 2006). *In* "A Companhia e as relações económicas de Portugal com o Brasil, a Inglaterra e a Rússia", coordenação de Fernando de Sousa, Porto, CEPESE / Afrontamento, 2008, p. 131-137. Também publicado em "População e Sociedade", n.º 16, 2008, p. 131-137.

Errata

A legenda correcta para a Fig. 5 é a seguinte:
Edifício da Fábrica de Fitas e
Fiação de Algodão, de A. C. da Cunha Morais, na
foz do Rio Uíma, em
Crestuma (foto de Francisco Queiroz)

A “PRIMEIRA ASSOCIAÇÃO DE INDÚSTRIA FABRIL PORTUENSE” E A FUNDIÇÃO EM CRESTUMA

Francisco Queiroz

A FÁBRICA DOS ARCOS DA COMPANHIA GERAL DA AGRICULTURA DAS VINHAS DO ALTO DOURO

Sem prejuízo de uma análise histórica bastante mais detalhada, que contamos fazer em outra oportunidade¹, impõe-se antes de mais uma breve descrição evolutiva desta fábrica.

Em alguns nossos trabalhos anteriores², praticamente nada pudemos acrescentar ao pouquíssimo que já se sabia sobre a chamada Fábrica dos Arcos de Ferro de Crestuma. As dúvidas eram muitas, a tal ponto que chegámos mesmo a produzir informações erradas, parte das quais esperamos corrigir agora em definitivo.

Assim, desde finais do século XVIII que esta fábrica situava-se estrategicamente na foz do Rio Uíma, junto ao Douro. Tendo servido sobretudo para produzir arcos de ferro para pipas e tonéis, existem numerosos indícios de que tenha executado outros artefactos não directamente relacionados com a produção e armazenamento de vinhos, tais como: balas, pequenos objectos utilitários em ferro e mesmo alguns maquinismos para outras fábricas. Falta ainda apurar se esta produção complementar tinha carácter regular ou era meramente esporádica.

Apesar de ser movida a energia hidráulica, esta fábrica da Companhia das Vinhas do Alto Douro não era uma unidade fabril qualquer para a época em que foi fundada. Facilmente se poderá demonstrar esta asserção.

Em primeiro lugar, a Fábrica de Verguinha e Arcos de Ferro de Crestuma terá sido fundada no remoto ano de 1790³.

Em segundo lugar, o seu mestre terá feito tirocínio fora do país. De facto, a Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro mandou *previamente estagiar, na Rússia, o técnico que ficou encarregado da mesma*⁴.

Em terceiro lugar, a fábrica chegou ao ano de 1830 dotada de casa nobre para habitação e arrecadação, quatro moinhos, uma casa de azenha, uma casa de lavoura e suas casas de eira, para além de vários edifícios destinados exclusivamente à actividade industrial, a qual não se limitava à feitura dos arcos de ferro e verguinha, mas passava também por forjas, secção de pregaria e carpintaria e uma importante secção de fundição, tudo movido por várias rodas hidráulicas montadas sobre um canal do Rio Uíma.

Uma forja movida por energia hidráulica
(estampa extraída de “L’ Encyclopédie”, de Diderot et D’Alembert)



Tecnicamente dirigida durante mais de trinta anos por Manuel José das Neves, a fábrica propriamente dita não terá tido mais do que uma média de 40 empregados permanentes, apesar de, em 1825, a Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro alegar que para cima de cem pessoas se empregavam na quinta da fábrica. Certamente que muitos destes empregados não eram fixos e trabalhavam sobretudo nas tarefas rurais da quinta. Mesmo assim, esta foi uma fábrica muito importante, onde se ensaiaram novas técnicas e onde se reuniram bastantes maquinismos, cuja utilização acabou por ser bruscamente interrompida com a derrota da facção Miguelista após o Cerco do Porto, uma vez que esta facção terá alegadamente usado a fábrica para a produção de armamento.

Assinatura de Manuel José das Neves no Inventário de 1807
(Arquivo da Real Companhia Velha)

A “PRIMEIRA ASSOCIAÇÃO DE INDÚSTRIA FABRIL PORTUENSE”

Quando o tecido industrial portuense estava a iniciar a sua lenta recomposição⁵, após a destruição física e económica a que foi sendo sujeito durante a

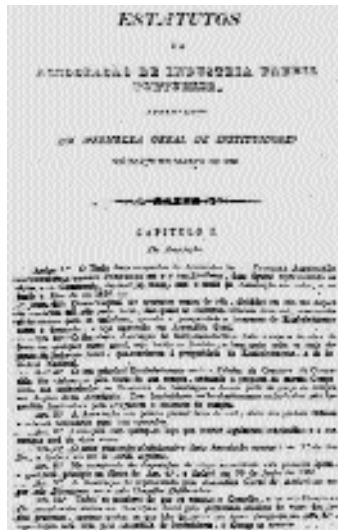
guerra civil entre Miguelistas e Liberais, surgiu na imprensa a notícia da aprovação dos estatutos de uma companhia industrial, os quais foram publicados como apenso a um periódico portuense:

“Com a folha de hoje distribuimos a nossos Assignantes os Estatutos da Nova Empreza denominada Primeira Associação De Indústria Fabril Portuense. A lista para os Accionistas acha-se patente na sala da Associação Commercial desta cidade. As pessoas das províncias que quizerem ser accionistas podem dirigir-se a qualquer dos instituidores, na certeza de que serão inscriptos os seus nomes”⁶.

Conhecemos os nomes de alguns dos seus principais promotores, apesar de tal não ser referido nos estatutos publicados na imprensa. De facto, em Abril de 1836, os instituidores desta Companhia trataram de a publicar:

“Quem pertender tomar ações nesta Empreza, póde dirigir-se às seguintes pessoas e logares, a saber: na sala da Associação Commercial; em casa do Sr. Joaquim A. Kopke, rua do Calvário, n.º 41; em casa do Sr. Bento Luiz Ferreira Carmo, defronte de S. Bento das Freiras. Porto, 18 de Abril de 1836. Joaquim A. Kopke, Director”⁷.

Frontispício dos estatutos da “Primeira Associação de Indústria Fabril Portuense”



Em 2 de Julho de 1836, quando a imprensa anuncia a convocação da Assembleia Geral desta Companhia, é referenciado o nome de Manuel Pereira Guimarães como Secretário.

Em suma, dois dos directores da Companhia eram o grande capitalista Joaquim Augusto Kopke (posterior Barão de Massarelos⁸) e o negociante Bento Luís Ferreira Carmo (posterior fundador da Fábrica de Papel de Ruães, perto

de Braga). Quanto ao Secretário, era o também negociante Manuel Pereira Guimarães, que foi Vice-Presidente da Associação Comercial do Porto, em 1837, morando então na Rua das Hortas, n.º 79.

Joaquim Augusto Kopke (Barão de Massarelos)



Analisemos agora alguns dos mais interessantes aspectos destes estatutos:

“Estatutos da Associação de Indústria Fabril Portuense, aprovados em Assembleia Geral de Instituidores no dia 27 de Março de 1836. Capítulo 1. – Da Associação. Artigo primeiro: O Título desta companhia de Accionistas he = Primeira Associação De Indústria Fabril Portuense = e o seu Emblema, duas figuras representando as Artes e o Commercio, dando-se as mãos, com o título da Associação em volta, e no fundo a Era de = 1836. =

Artigo segundo: O seu Capital são trezentos contos de réis, divididos em seis mil Acções de cincoenta mil réis cada huma; das quaes se imittirão somente duas mil, reservando-se as outras para se imittirem, quando a prosperidade e interesses do Estabelecimento assim o demandar, e seja approvedo em Assembléa Geral. Artigo terceiro: O fim desta Associação *he fazer manufacturar toda a espécie de obra de ferro ou qualquer outro metal, seja batido ou fundido*; e bem assim todos os mais objectos de Indústria fabril, que convierem à prosperidade do Estabelecimento, e da Indústria Nacional. Artigo quarto: *O seu principal Estabelecimento será a Fábrica de Crestuma da Companhia dos vinhos*; e para tratar da sua compra, aceitando a proposta da mesma Companhia, são authorizados os directores da Associação a darem parte do preço da compra em Acções desta Associação. Três Instituidores serão ulteriormente authorizados pela Assembléa Instituidora para assignarem o contracto de compra”¹⁰.

A “*Primeira Associação de Indústria Fabril Portuense*” foi, pois, constituída sobretudo para aproveitar os edifícios e equipamento da antiga fábrica de fundição da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, outrora mais conhecida como Fábrica dos Arcos de Ferro e Verguinha.

Como já defendemos em outro trabalho¹¹, estamos perante o primeiro grande projecto de sociedade anónima industrial surgido no Porto e é assim que deve ser entendido o sentido do nome da referida Companhia.

A sociedade anónima era uma fórmula empresarial que estava em voga em Londres, cidade por onde muitos liberais portuenses andaram exilados por alturas do Miguelismo. As sociedades anónimas eram vistas então como fundamentais para a criação de grandes indústrias, já que seria muito difícil que um só industrial conseguisse montar fábricas fortes e bem preparadas para enfrentar a concorrência dos cada vez maiores complexos fabris estrangeiros.

Mesmo que não se refira o recurso aos antigos operários da fábrica e mesmo que não se aluda à introdução do vapor, a "*Primeira Associação de Indústria Fabril Portuense*" pretendia aproveitar todo o potencial existente no complexo de Crestuma e transformar esta fábrica numa fundição polivalente e, certamente, moderna.

O projecto não foi concretizado, até porque a Companhia dos Vinhos viria a ser reerguida com o seu carácter monopolista cerca de dois anos depois. Assim, a intenção de venda ficou em suspenso. Apesar disso, a documentação sugere que a Companhia nunca retomou a produção na sua fábrica de Crestuma. Em 1843 procurou novamente aliená-la, o que também não chegou a concretizar-se.

Entretanto, a ideia de uma primeira fundição moderna no Porto foi aproveitada e concretizada por Francisco Inácio Pereira Rubião, através da Companhia de Artefactos de Metais, contando com o financiamento de alguns negociantes abastados que tinham entrado como accionistas na efémera "*Primeira Associação de Indústria Fabril Portuense*" e numa outra também efémera sociedade anónima, igualmente dinamizada por Francisco Inácio Pereira Rubião¹².

De referir que a Companhia de Artefactos de Metais integrou pelo menos um operário que tinha trabalhado na Fábrica dos Arcos de Crestuma: Jerónimo Pinto de Paiva Freixo. Tendo este saído da Companhia de Artefactos de Metais para montar a sua própria fábrica de fundição, fê-lo na sua terra em 1845 – ou seja, em Crestuma, onde havia certamente mão-de-obra especializada, apesar de já com uma certa idade. Mesmo assim, Jerónimo Pinto de Paiva Freixo não ocupou o edifício da antiga fábrica da Companhia, optando por fundar uma fábrica à parte, bem mais pequena e à medida do seu parco capital.

Entretanto, numa situação instável e cheia de dívidas, a Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro acabaria mesmo por ter de vender a sua antiga fábrica de Crestuma, em finais de 1853, numa época em que a instalação fabril tinha menor valor económico e bastante menos viabilidade para a continuação no ramo da fundição, já que no Porto tinham surgido alternativas mais modernas e competitivas. Assim, a fábrica da Companhia passou a ser uma fição, ramo industrial que prevaleceu durante as décadas seguintes em Crestuma.

A fundição também prevaleceu como marca identitária da actividade económica em Crestuma, graças a Jerónimo Pinto de Paiva Freixo e a outras pequenas fábricas que foram sendo ali fundadas no último quartel do século XIX.

CONCLUSÃO

Este caso de Crestuma evidencia bem como o fenómeno do Vinho do Porto foi motor de uma certa industrialização anterior ao Liberalismo.

A Fábrica dos Arcos de Ferro não foi uma fábrica qualquer, apesar de em termos tecnológicos ter sido uma indústria do seu tempo.

Graças a esta fábrica, emergiu em Crestuma um grupo de técnicos especializados que acabariam por dar continuidade ao ofício da fundição através de outras fábricas posteriores, tendo tido Jerónimo Pinto de Paiva Freixo um papel fundamental como catalizador.

Se Crestuma chegou a ter pelo menos cinco oficinas de fundição no fim do século XIX, assumindo-se então como o maior núcleo fabril português de fundição em ferro situado fora dos limites de Lisboa e do Porto¹³, certamente deve-o à Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro. Do mesmo modo, toda a restante indústria oitocentista de Crestuma em muito dependeu da Companhia, uma vez que a principal fábrica (de fiação) instalou-se precisamente nos edifícios da antiga Fábrica dos Arcos de Ferro.

**Edifício da Fiação de Crestuma, no local onde existiu a antiga Fábrica dos Arcos de Ferro
(foto de Francisco Queiroz)**



FONTES

Estatutos da Associação de Indústria Fabril Portuense, aprovados em Assembleia Geral de Ins-tituídos no dia 27 de Março de 1836, Porto, s.l., 1836.

O Artilheiro, n.º 80, 13 de Abril de 1836.

Periódico dos Pobres no Porto, n.º 155, 2 de Julho de 1836.

Periódico dos Pobres no Porto, n.º 94, 21 de Abril de 1836.

BIBLIOGRAFIA

- QUEIROZ, José Francisco Ferreira, 2006 – “A Companhia de Artefactos de Metais, estabelecida no Porto (1837-1852). Para o estudo monográfico de uma fundição pioneira”. *Arqueologia Industrial*, IV série, n.º 2 (no prelo).
- QUEIROZ, José Francisco Ferreira, 1997 – *O ferro na arte funerária do Porto oitocentista. O Cemitério da Irmandade de Nossa Senhora da Lapa, 1833-1900* (Tese de Mestrado em História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade do Porto), vol. 1, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- QUEIROZ, José Francisco Ferreira, 2002 – “Subsídios para a história da indústria no concelho de Gaia. II – Da consolidação do Liberalismo à Regeneração (1834-1851): a Fábrica de Vidros de Paço de Rei e as origens da indústria de fundição em Crestuma”. *Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia*, 8.º vol., n.º 55.
- QUEIROZ, José Francisco Ferreira, 2001 – “Subsídios para a História das fábricas de fundição do Porto no século XIX”. *Boletim da Associação Cultural Amigos do Porto*, 4.ª série, n.º 19.
- SOUSA, Fernando de, 2003 – *O Arquivo da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro*, Porto: CEPESE.

NOTAS

- ¹ A consulta já efectuada à documentação desta fábrica foi superficial e dirigida apenas a alguns documentos especificamente relacionados com a mesma. Agradecemos ao Prof. Doutor Fernando de Sousa e à sua equipa de investigadores pelas facilidades concedidas nessa consulta. Deixamos também aqui registada a nossa gratidão a Alberto Guimarães, a Ricardo Melo e ao Dr. José Manuel Lopes Cordeiro, pelos valiosos contributos.
- ² QUEIROZ, 1997: 100; QUEIROZ, 2001; QUEIROZ, 2002: 15-22.
- ³ SOUSA, 2003: 59.
- ⁴ SOUSA, 2003: 55.
- ⁵ Para um mais amplo enquadramento histórico, veja-se QUEIROZ, 2002: 15-22.
- ⁶ *O Artilheiro*, 1836.
- ⁷ *Periódico dos Pobres no Porto*, 1836, n.º 94.
- ⁸ O Barão de Massarelos desempenhou importantes cargos na cidade do Porto, entre os quais o de Cônsul da Turquia, bem como de Hamburgo e demais cidades hanseáticas. Fundou e foi sócio de várias empresas de carácter comercial e industrial, nomeadamente a Fábrica de Cerâmica de Massarelos e várias fábricas ligadas à fundição de metais, como a Fundição do Bicalho, a Fundição de Massarelos e a pioneira Companhia de Artefactos de Metais.
- ⁹ *Periódico dos Pobres no Porto*, 1836, n.º 155. Manuel Pereira Guimarães pertencia à Assembleia Portuense, foi Tesoureiro da Câmara Municipal do Porto aquando do Cerco e manteve cargos directivos na Associação Comercial do Porto durante a década de 1840. O próprio Joaquim Augusto Kopke esteve muito ligado à Associação Comercial do Porto e veio a ser seu Presidente. Percebe-se, assim, melhor porque estava a lista para os accionistas disponível na Associação Comercial do Porto e porque a dita Assembleia Geral realizou-se até na sede desta associação.
- ¹⁰ *Estatutos da Associação de Indústria...*, 1836. O sublinhado é nosso.
- ¹¹ QUEIROZ, 2002: 15-22.
- ¹² Sobre Francisco Inácio Pereira Rubião e a Companhia de Artefactos de Metais veja-se QUEIROZ, 2006.
- ¹³ Se considerarmos quer a fundição propriamente dita, quer a cutelaria, talvez a indústria do ferro tivesse então maior expressão económica em Guimarães do que em Crestuma. Contudo, estão por fazer as competentes comparações estatísticas.